

Me. Lóide Luz Gusmão

Me. Alyne Franco Gusmão

Dra. Denise Aparecida Brito Barreto

Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais no contexto escolar.





Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais no contexto escolar.

Este artigo visa abordar a educação inclusiva em uma perspectiva multifocal, englobando a família e o processo de inclusão escolar nessa modalidade, visto que o estabelecimento de um vínculo com a relação família-escola no processo inclusivo seria um embasamento para se compreender o real sentido da inclusão escolar. Mediante o que foi pesquisado, fica claro que tanto a escola quanto a família ainda encontram dificuldades em estabelecer essa parceria, o que prejudica de maneira relevante o processo de inclusão do aluno com necessidades educacionais específicas. A relação escola e família é de suma importância, pois a família como espaço de orientação, da identidade de um indivíduo deve promover juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Sendo assim, o foco principal dessa relação é favorecer uma participação que gere o compromisso da família com a aprendizagem e o sucesso escolar das crianças da rede regular de ensino, a participação da escola com a inserção curricular da família e da comunidade. Essa parceria assegurará, em última instância, o pleno cumprimento da função social da escola. Desse modo, nota-se que uma depende da outra na tentativa de alcançar o maior objetivo, qual seja, um melhor futuro para o filho e educando e, por fim, para toda a sociedade.

**Lóide Luz Gusmão
Alyne Franco Gusmão
Denise Aparecida Brito Barreto**



Considerações Iniciais

Este artigo tem como intuito abordar as contribuições da relação família-escola no que tange ao processo inclusivo. Busca abordar a educação inclusiva em uma perspectiva multifocal, englobando a família e o processo de inclusão escolar nessa modalidade, visto que o estabelecimento de um vínculo com a relação família-escola no processo inclusivo seria um embasamento para se compreender o real sentido da inclusão escolar. A opção pelo assunto resulta dos questionamentos sobre as contribuições da relação família-escola no processo de inclusão escolar.

A família tem um papel importante no desenvolvimento da criança, sendo a base para o aprendizado de valores sociais além de moldar as características psicológicas do indivíduo e permitir a sua sobrevivência. Trata-se de um contexto de socialização especialmente relevante para a criança, já que, durante muitos anos, é o principal ambiente no qual ela cresce. A família transmite valores, atitudes, cultura, conhecimento e habilidades para a vida, com base na maneira como oferece suporte emocional, social e financeiro para as crianças. Quando há uma criança com necessidades educacionais especiais (NEE), o papel dos membros familiares torna-se ainda mais importante, pois a criança necessita de um maior envolvimento em seus cuidados e em sua estimulação (GOMIDE, 2003).

Para esse autor, o sentido do termo inclusão perpassa vários contextos, entre eles, o escolar, que implica não somente a inserção da criança com necessidades educacionais especiais no ensino regular, mas o fornecimento de apoio para que possa aprender. A escola, portanto, deve proporcionar subsídios para que a criança possa se desenvolver de modo satisfatório, segundo suas necessidades e dificuldades, a partir de meios que venham a lhe favorecer de modo positivo.

Para Szymansky (2010), a relação da família com a escola potencializa o processo de ensino e aprendizagem do educando na etapa educacional. A escola complementa as ações da família e vice-versa. Para unir estas instituições primordiais na vida humana, é imprescindível abordar como ocorre esta parceria na vivência de educandos com necessidades especiais inseridos na rede regular de ensino, considerando as contribuições presentes desta relação família-escola, vinculando-o com o processo educacional destas crianças inclusivas. Para a autora, é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a construir-se como sujeito. A relação família-escola trata-se de uma parceria entre a escola e pais e/ou familiares dos educandos, na qual, ambas se constituem responsáveis pela aprendizagem da criança.

A escola, depois da família, é o espaço inicial e fundamental para o processo de socialização da criança. A inclusão das crianças e jovens com deficiência na escola regular, com o apoio de atendimento educacional especializado, quando necessário, são contemplados pela atual política educacional brasileira. No entanto, todo o trabalho realizado pela escola terá maior êxito, se acompanhado de forma direta pelos membros da família dos deficientes. Esse trabalho de acompanhamento ocorre primeiramente, visando proporcionar segurança à criança e permite a ela desenvolver as suas habilidades de forma mais tranquila. (HOLLERWEGER, MIRTES, 2014)

Segundo Freitas (2015, p. 446), “pode ocorrer a dificuldade da escola em criar oportunidades para a troca de informações e estratégias, estando focalizadas na limitação de problemas ocorridos”. O responsável no processo interativo família-escola, será sempre a escola em proporcionar condições de participação familiar no processo educativo e facilitar as situações envolventes no cotidiano escolar da presença do aluno com nee’s.

Conforme assinala o autor, o direcionamento do trabalho com a família e o estímulo ao seu envolvimento constitui um fator decisivo no processo de inclusão de pessoas com necessidades especiais, sendo um aspecto importante para a construção da individualidade do sujeito como participante ativo da sociedade. Para tanto, esse processo requer, para sua efetivação, a ação de diversos esforços e a participação de todos os segmentos da sociedade, de modo a se promover uma verdadeira modificação cultural em relação à diversidade e às potencialidades humanas.

A comunicação ocorrida entre a escola e a comunidade, representada pelos pais, são os elos que vão colaborar com o processo inclusivo. As atitudes parentais podem influenciar o comportamento dos próprios filhos, visto que a família desempenha um papel importante no desenvolvimento e nas concepções de seu cotidiano. O comportamento positivo dos pais perante a educação escolar, pode influenciar sobremaneira na interação dos educandos com seus pares (FREITAS, 2015).

A despeito das mudanças nas práticas pedagógicas para um processo de escolarização mais favorável, vários documentos também apontam a importância da relação família e escola para o desenvolvimento e aprendizado dessas crianças. Por exemplo, no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002), a família é contemplada em todas as etapas da formação e do desenvolvimento da criança e do adolescente. No Plano Decenal de Educação para Todos (BRASIL, 1993) tem-se que o sucesso da educação depende do compromisso da União, dos Estados, Municípios, familiares e outras instituições.

Partindo desses pressupostos, o objetivo principal deste artigo é analisar as contribuições da relação família-escola no processo de inclusão escolar. Sendo assim, delineiam-se os objetivos específicos, os quais focalizam as políticas educacionais sobre a inclusão escolar e descrevendo o processo de

inclusão escolar em consonância com a participação da família. O intuito deste estudo, consiste em correlacionar as contribuições do contato direto entre família e escola, sendo, no entanto, uma relação muito importante para o desenvolvimento integral dos alunos com necessidades especiais.

Concepções de família

Sendo, pois, a primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela constitui-se na matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007).

A família é o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, tendo normas, regras, crenças, valores, papéis próprios e previamente definidos, caracterizando-se como a primeira mediadora, por excelência, entre indivíduo e sociedade. A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas. A família, portanto, é responsável pela sobrevivência física e psíquica da criança, uma vez que se constitui o primeiro grupo de mediação do indivíduo com a sociedade (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1999).

Ao educar a criança, a família emprega mecanismos de formação de personalidade, o quais devem resultar em segurança e confiança para a exploração do mundo que as rodeia. Quando existe um clima constante de insegurança, as crianças poderão tornar-se inseguras. Neste sentido, é necessário, a promoção de um clima agradável e favorável ao desenvolvimento

harmonioso da criança no seio familiar, visto que é neste ambiente onde a criança melhor poderá encontrar aquilo que necessita. Algumas funções são fundamentais no contexto familiar, por ser considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, local onde se criam e se educam as crianças, ao proporcionar momentos educativos indispensáveis ao embasamento da construção de uma identidade própria (OLIVEIRA; POLLETO, 2015).

Os autores também apresentam que o ambiente familiar é essencial para a existência do núcleo central responsável pelas primeiras experiências vividas pelo indivíduo. Este ambiente deve proporcionar à criança um clima de estabilidade, promovendo o seu desenvolvimento harmonioso no íntimo familiar. Sendo assim, a família, quando estável e coesa, é o espaço mais próprio para descobrir o amor, é o ambiente privilegiado para realizar a primeira socialização; é o porto de abrigo onde se partilham experiências, se trocam pontos de vista e se elaboram as sínteses pessoais a partir dos dados recolhidos nas múltiplas vivências.

Segundo Bowlby (1997, p.113):

a experiência familiar daqueles que se tornarão pessoas relativamente estáveis e autoconfiantes é caracterizada não apenas pelo apoio infalível dos pais, quando a eles se recorre, mas ainda por um estímulo gradual e constante à crescente autonomia, notando-se ainda que os pais transmitam modelos funcionais de si próprios, da criança e de outros.

A família é considerada como um todo, ou seja, um grupo que tem uma estrutura, uma dinâmica e uma função, cujas relações entre seus membros tende ao equilíbrio e são reguladas pelos princípios de retroalimentação. A família é interpretada como um contexto complexo, promotor do desenvolvimento primário, da sobrevivência e da socialização da criança, e também, um espaço de transmissão de cultura, significado social e conhecimento comum agregado ao longo das gerações (DESSEN; BRAZ, 2005).

É no seio familiar que as primeiras aflições, conquistas, medos e metas pessoais aparecem; é onde ocorre o desenvolvimento das primeiras habilidades, os primeiros ensinamentos por meio da educação familiar na qual o filho aprende a respeitar os outros, a conviver com preceitos que foram criados e reformulados no transcorrer da formação da sociedade. Dessa forma, podemos dizer que, ela propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento dos filhos. Também cumpre um papel decisivo na socialização e educação. Nela que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os laços de solidariedade (OLIVEIRA; POLETTO, 2015)

Sendo a família o primeiro e o principal grupo social em que o ser humano vive, é nela que se aprende a construir a individualidade e a independência. Pode-se dizer que a presença da família é muito importante para o desenvolvimento dos sujeitos, com deficiência ou não. Caso a família que receba uma criança com deficiência não seja capaz de oferecer a ela um ambiente amoroso e estável, o desenvolvimento da criança pode tornar-se mais difícil. É importante que a família possa aceitá-la e buscar ajuda para seu melhor desenvolvimento. Um ambiente positivo e estimulador é determinante na constituição das primeiras relações da criança com o mundo (BOWLBY, 1997).

A família contribui para o desenvolvimento e segurança dos seus elementos de várias formas: satisfazendo as suas necessidades mais elementares, protegendo-os contra os ataques do exterior; facilitando um desenvolvimento coerente e estável; favorecendo um clima de pertença, muito dependente do modo como são aceites na família. É também na família que os indivíduos fazem a primeira adaptação à vida social, as primeiras experiências de solidariedade, proibições, rivalidades etc. (OLIVEIRA, 1994).

A família da criança com necessidades educacionais específicas

Deficiência não é sinônimo de doença. Pelo contrário, há uma grande diferença entre elas. No dicionário consta doença como falta ou perturbação de saúde, moléstia, enfermidade, imperfeição, insuficiência e falha. O nascimento de uma criança muda implicitamente a estrutura familiar, mas em caso de nascimento de uma criança com “problemas”, esta mudança cria verdadeira instabilidade; experimentando a família “sentimentos ambivalentes”. Uma “oscilação” entre o querer amar e a revolta criada pela frustração de se ter falhado (ZIGLER E HODAPP, 1986).

De acordo com Batista e França (2007), a chegada de uma criança com deficiência geralmente torna-se um evento bastante traumático e um momento de mudanças, dúvidas e confusão. A maneira como cada família lida com esse evento influenciará decisivamente na construção da identidade do grupo familiar e, conseqüentemente, na identidade individual de seus membros.

Uma deficiência não é uma coisa desejável, e não há razões para se crer no contrário. Quase sempre causará sofrimento, desconforto, embaraço, lágrimas, confusão e muito tempo e dinheiro. E, no entanto, a cada minuto que passa, pessoas nascem deficientes ou adquirem essa condição (BUSCAGLIA, 2006).

Sem dúvida, a presença de uma criança diagnosticada como deficiente em uma família cria uma situação, ou seja, um problema novo, nunca antes enfrentado por muitas famílias. Em geral, a chegada do bebê que apresenta uma deficiência torna-se um evento traumático e desestruturador, que interrompe o equilíbrio familiar (TRINDADE, 2004).

Em cada família as reações ao nascimento do filho com deficiência são diversas. A forma como é transmitida a notícia pode influenciar fortemente nas reações vivenciadas pelos pais, sendo que muitas vezes o momento do diagnóstico é algo que se mostra confuso, podendo interferir na vinculação com

essa criança e, também, podendo gerar falsas expectativas com relação a ela, influenciando assim na aceitação dela pela família (LEMES; BARBOSA, 2007).

Os pais dos alunos com N.E.E. deparam-se com dificuldades que os outros pais não chegam a ter. As patologias das crianças podem ter um forte impacto no seio familiar, principalmente se esta é severa, e conseqüentemente nas interações que dela se estabelecem. Por vezes gera até mesmo questões de ansiedade e frustração (NIELSEN,2000).

Trindade (2004) questiona da seguinte forma, quem são essas pessoas consideradas deficientes? São pessoas como nós, nascidas do mesmo impulso criador, integrais em sua condição de seres humanos, mas limitadas em seu desempenho. São os cegos, surdos, mudos, paraplégicos, deficientes mentais, autistas, Down, paralisados cerebrais, etc. E por possuírem uma constituição biológica distinta da comum são, geralmente, estigmatizados e segregados por uma sociedade não acostumada com as diferenças e que lhe nega o respeito à sua dignidade de pessoa humana e aos seus direitos de cidadão (educação, saúde, trabalho, lazer e convívio social).

A família de uma criança com NEE tende a ser marginalizada pela sociedade e pelas suas atitudes e crenças preconceituosas. A família tem que se adaptar à realidade das NEE tanto internamente, pelo reposicionamento das suas prioridades enquanto família, como externamente, pela convivência com o preconceito e com a falta de oportunidades, de compreensão e de apoios. Para a família, a presença de um filho com NEE requer um trabalho de fortalecimento e flexibilização da dinâmica familiar para a promoção do desenvolvimento global e inclusão social desse filho (GLAT, 2004).

Relação família-escola no processo de inclusão escolar

A escola se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos durante o processo educativo, possibilitando dessa forma, a participação e desenvolvimento de todos. Para que essa prática se dê de forma responsável é necessário que novas práticas sejam desenvolvidas e ajustadas à realidade dos alunos com necessidades educacionais específicas.

Nesse processo de adaptação e construção de um novo saber, a família tem participação fundamental, pois não há como se pensar na inclusão e desenvolvimento do aluno com deficiência sem a parceria efetiva da família junto à escola. A ligação da família com a escola potencializa o processo de ensino e aprendizagem do educando na etapa educacional. A escola complementa as ações da família e vice-versa.

Para entrelaçar estas instituições primordiais na vida humana, é importante abordar como ocorre esta parceria na vivência de educandos com necessidades especiais inseridos na rede regular de ensino, considerando as contribuições desta relação família-escola, vinculando-a com o processo educacional destas crianças inclusivas.

Dessa maneira, segundo Facion (2009), pode-se afirmar que o processo de inclusão possui caráter sócio interacionista, o qual aborda a essência do estudante sob a mediação que é feita juntamente com a interação no meio e com os outros.

Para Guerbert (2010), incluir trata-se de adequar os espaços para atender os educandos, e integrar é inserir o estudante especializado no âmbito escolar, sem objetivo algum, não havendo readequação e reestruturação de acesso para aqueles que possuem limitações ou dificuldade de se locomover, como também recursos para atendê-los.

A definição de integração, segundo a autora, nada mais é do que:

[...] a inserção pura e simples das pessoas com necessidades educativas especiais, sem que haja nenhuma adaptação específica do contexto para o desempenho de tais atividades, utilizando-se, para isso, somente recursos previamente disponíveis. (GUERBERT, 2010, p. 32)

No que se refere a participação efetiva da família no processo de educação inclusiva, a família é mediadora e protagonista no processo de ensino aprendizagem, de maneira que o primeiro espaço social do indivíduo é o núcleo familiar, sendo o espaço primeiro de aquisição de valores e comportamentos.

A família, nesta perspectiva, é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel transmissor – os pais – e desenvolvidas junto aos que são os receptores – os filhos. (SZYMANSKI, 2010, p. 20)

Não há dúvidas, assim, de que o contexto social e familiar em que esse educando está inserido é determinante para seu desenvolvimento e evolução dentro do contexto educacional, entendendo, dessa forma, que se a organização familiar não for satisfatória para a construção social dessa criança, isso também implicará prejuízo no desenvolvimento escolar.

Considerações finais

No decorrer desse artigo, foram pontuados aspectos considerados relevantes à educação inclusiva no que se refere a concretização da educação para alunos com necessidades educacionais específicas.

Um fato muito importante da inclusão é o de que não se trata de um movimento isolado, mas sim de uma mobilização que envolve alguns atores: são professores, gestores, pais e sociedade que se unem numa luta, cujo objetivo é garantir uma educação eficaz e regular aos alunos com necessidades educacionais específicas.

Desse modo, o presente artigo abordou o papel da família e da escola na inclusão dos alunos com deficiência. O comprometimento da família na luta pela garantia de seus direitos é essencial ao seu desenvolvimento nas atividades que lhes são propostas.

Estudar a família, envolve dispor-se a estudar sentimentos, afetividade, interações escolares e o momento pelo qual a família se encontra frente a deficiência do (a) filho (a).

Diante do exposto, fica evidente que no contexto “família e educação,” cada um tem seu papel e importância na consolidação da aprendizagem dos educandos, mas nem sempre isso é efetivado, trazendo valioso prejuízo ao desenvolvimento educacional dessa criança ou adolescente.

A inclusão é uma realidade assim como os avanços significativos que ela traz rumo à uma educação inclusiva responsável e coerente com aquilo que preconiza a lei, mas o caminho é longo e nesse processo, cada vez mais, faz-se necessário que a sociedade como um todo esteja engajada nessa luta.

Referências

- BATISTA, S. M.; FRANÇA, R. M. **Família de pessoas com deficiência: Desafios e superação.** Blumenau, 2007. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf>. >
Acesso em: 22 de nov. 2021.
- BUSCAGLIA, L., **Os deficientes e seus pais: Um desafio ao aconselhamento.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BOCK, A. M. B., FURTADO, O., & TEIXEIRA, M. L. T. **Família... O que está acontecendo com ela?** Em: A. M. B. Bock, O. Furtado, & M. L. T. Teixeira, *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia* (pp.247-260), 13ªed, São Paulo: Saraiva. 1999

BRASIL. **Ministério de Educação. Saberes e práticas da Inclusão. Secretaria de Educação Especial.** 2001 Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf>. Acesso em 12 dez. 2021.

DESSEN, M.A.; BRAZ, M. P. **As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança.** In: DESSEN M.A.; COSTA JUNIOR, A.L. (Orgs.). A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 132-151.

FACION, José Raimundo. **Inclusão Escolar e suas implicações.** Curitiba: Ibpx, 2009.

FREITAS, E. M.; ARROJA, L. N.; RIBEIRO, P. M. & DIAS, P. C. Percepção dos pais em relação à inclusão de crianças com necessidades educativas especiais. **Revista Educação Especial**, v.28, n. 52, pp.443-458, maio-agosto. 2015 Santa Maria.

GLAT, R. **Uma família presente e participativa: o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais.** Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais Disponível em: http://www.eduinclusivapesquerj.pro.br/livros_artigos/pdf/familia.pdf Acesso em: 12 dez 2021

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento antisocial. Em A. Del Prette & Z.A.P. Del Prette (Orgs.), **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem** (pp. 21-60). Campinas, SP: Alínea. 2003

GUERBERT, Mirian Célia Castellain. **Inclusão: uma realidade em discussão**/3.ed.rev. atual.e ampl.-. Curitiba: Ibpx, 2010. (Série Inclusão Escolar).

HOLLERWEGER, S. MIRTES, B. A importância da família na aprendizagem da criança especial. **Revista Brasileira de Educação Especial** Vol. 9 – Nº 19 - Janeiro - Junho 2014

LEMES, L. C.; BARBOSA, M. M. Comunicando à mãe o nascimento do filho com deficiência. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 441-445, 2007.

NIELSEN, L. **Necessidades Educativas Especiais na Sala de aula – Um guia para professores.** Porto: Porto Editora. 2000

OLIVEIRA, J. **Psicologia da Educação Familiar**. Coimbra: Livraria Almedina. 1994

OLIVEIRA, I.G. POLETTO, M. Vivencias emocionais de mães e pais de filhos com oooodeficiências. **Rev. SPAGESP**. Vol.16, n. 2, Ribeirão Preto, pp.68-94.
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo> Acesso em 12 dez 2021

SZYMANSKI, H. **A relação família e escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber, 2010.

TRINDADE, F. de S. **Dificuldades encontradas pelos pais de crianças especiais**. Brasília: Liber, 2010.

ZIGLER, E.; HODAPP, R. M. **Understanding Mental Retardation**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986

Sobre as autoras:



Me. LÓIDE LUZ GUSMÃO

Mestra em Educação, PPGEd/UESB; Professora da Educação Básica - Secretaria Municipal de Educação de Cordeiros-BA, Brasil; Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas – GELFORPE/UESB.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0345999877079847>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8785-0846>

E-mail: loidegusmao-5@hotmail.com



ME. ALYNE FRANCO GUSMÃO

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista - Bahia. Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas – GELFORPE/UESB.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4295005594500770>

E-mail: alynegusmao@hotmail.com



DRA. DENISE APARECIDA BRITO BARRETO

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL e do Programa de Pós-graduação em Educação/ PPGEd da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB (Vitória da Conquista/BA/Brasil). Coordenadora do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas – GELFORPE/UESB.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707078113782228>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-5109>

E-mail: denise.brito@uesb.edu.br

INFORMAÇÕES PARA CITAÇÃO:

| | |
|---------------|---|
| NOME DA OBRA | Formação de Professores e Práticas Educativas |
| ISBN | 978-65-00-72510-0 |
| ORGANIZADORES | BARRETO, Denise Aparecida; SANTOS, Igor Tairone Ramos dos; GUSMÃO, Rogério (org). |
| EDIÇÃO | Ed. dos Autores |
| CIDADE E ANO | Vitória da Conquista, 2023 |
| URL | http://www2.uesb.br/ppg/ppged/publicacao_livro/formacao-de-professores-e-praticas-educativas |



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

